Capítulo XVI — União do homem com o novo Adão; sua perpetuidade. Formação da Igreja

Os quarenta dias que Nosso Senhor devia permanecer na terra depois de sua ressurreição chegavam ao termo. O divino Mestre havia instruído a fundo seus Apóstolos nos segredos do reino de Deus e lhes dera a inteligência das Escrituras. A admirável economia da redenção humana, o fim pelo qual o Verbo de Deus viera a este mundo, quis nascer, viver, morrer e ressuscitar; a necessidade da união de todos os homens com ele, pela fé, pela esperança, pela caridade; o fim dessa união, no tempo a imitação de sua vida, na eternidade a participação em sua glória; a única causa que pode romper essa união santa e tornar-nos o Cristo inútil, o pecado: tudo isso era desde então conhecido dos Apóstolos; estavam em condição de instruir o universo.

Que resta ao novo Adão? Duas coisas essenciais: assegurar a conservação e prover à propagação de sua obra divina, a fim de que todos os homens que vêm a este mundo possam colher-lhe os frutos. Ele mesmo, porém, não deve instruir por mais tempo em pessoa; sua missão terrestre está cumprida, vai subir à direita de seu Pai. Como fará para perpetuar sua redenção e tornar-lhe o benefício acessível a todos os povos até a consumação dos tempos?

Substitui-se por outro ele mesmo; dá-se um vigário. A plenitude do poder que recebeu de seu Pai, vai confiá-la a ele; sobre ele vai repousar do cuidado de perpetuar e estender a grande obra que veio começar. Jamais homem será elevado a uma dignidade tão alta; jamais responsabilidade tão formidável pesará sobre um mortal. Quem será esse lugar-tenente do Filho de Deus? Ó abismo de misericórdia e de sabedoria! Será aquele mesmo que, poucos dias antes, negava três vezes seu mestre à voz de uma serva. O que há de mais fraco para a obra mais importante! Um caniço para sustentar o universo! Um grande pecador para ser o doutor da fé e o pai dos cristãos! Para dizer tudo numa palavra, esse vigário do novo Adão será o apóstolo Pedro.

Nada de mais sublime e de mais comovente que as circunstâncias de sua ordenação.

Quando um rei quer confiar um cargo importante a um de seus súditos, pede-lhe garantias, exige uma caução; assim faz Jesus Cristo. Esse divino Pastor, que acabava de derramar seu sangue para salvar suas ovelhas, estava para deixá-las. Antes de entregar-lhe seu precioso rebanho, exige de

Pedro uma caução, pede-lhe garantias. Mas que caução pode obter de um pobre pescador, sem outra fortuna que seu barco e suas redes? A maior e a mais segura que um homem possa oferecer: o amor, mas o amor levado até o heroísmo, o amor sempre pronto a imolar-se pelos interesses de seu cargo.

Tal é o sentido destas profundas palavras repetidas até três vezes: *«Simão, filho de João, tu amas-me mais do que estes?»*[1] Só depois de obter a certeza desse amor à toda prova é que o divino Pastor lhe diz: *«Apascenta os meus cordeiros... Apascenta as minhas ovelhas»*[2]. Tudo o que há de paternal dedicação no poder, tudo o que há de doçura filial na obediência, de indestrutível, por conseguinte, nos laços sociais, está encerrado nessa consagração-modelo do primeiro de todos os superiores, consagração única nos fastos do mundo, que contém por si só mais filosofia social que todos os livros juntos.

A partir desse momento solene, um pescador galileu torna-se o eixo do mundo civilizado. Revestido do pleno poder de ensinar, de reger, de governar a Igreja; chefe supremo dos pastores e das ovelhas, órgão infalível da verdade, Pedro viverá em cada um de seus sucessores com todas as suas prerrogativas. Chame-se Leão, Eugênio, Pio, Sisto ou Gregório, todos os séculos, de fronte no pó, lhe dirão com São Bernardo: Sois o príncipe dos bispos, o herdeiro dos Apóstolos; sois, pela primazia, Abel; pelo governo, Noé; pelo patriarcado, Abraão; pela ordem, Melquisedec; pela dignidade, Aarão; pela autoridade, Moisés; pela judicatura, Samuel; pelo poder, Pedro; pela unção, o Cristo[3].

E, pelo órgão de seus sucessores, Pedro responde: Sou o servo dos servos de Deus.

Quando, pois, as potências do inferno, a dúvida, a heresia, o escândalo se levantarem contra a Igreja, todos os olhares se voltarão para Pedro. Sua palavra dissipará as dúvidas, condenará as heresias, arrancará os escândalos e, confirmando sua autoridade a fé de seus irmãos, a Igreja permanecerá firme em sua divina unidade.

Em Pedro, depositário de uma dupla chave, as nações, por sua vez, acharão o intérprete infalível da lei divina que deve regular a conduta social dos particulares e dos reis e salvaguardar os direitos de todos. Em vez de apelar, como os povos pagãos, ao julgamento da força, as sociedades cristãs levarão suas divergências ao tribunal do pai comum. Felizes enquanto forem fiéis a essa condição fundamental de sua existência, vê-las-emos descontentes e infelizes, oscilando perpetuamente entre o despotismo de um só ou o despotismo da multidão, desde o dia em que disserem a Pedro:

> *Não reconhecemos tua autoridade social; não queremos que te metas em nossos negócios; saberemos regular nossas divergências sem ti.*

Tornando-se laicas, as sociedades não terão fundado o reinado eterno da paz; apenas, em vez dos cânones do Vaticano, terão por juízes do direito o punhal dos assassinos ou o canhão das barricadas.

Assim é que, como notamos, um pescador galileu se tornou a pedra angular do edifício religioso e social no mundo civilizado.

Depois de estabelecer Pedro como chefe supremo de sua Igreja, guardião do direito, protetor da consciência humana, o novo Adão lhe associa colaboradores. Aproximando-se de seus Apóstolos, diz-lhes:

> *Tem-se-me dado todo o poder no ceo e na terra. Ide pois e ensinai todas as gentes: baptizando-as em nome do Padre, e do Filho, e do Espirito Santo... e estai certos de que eu estou com-vosco todos os dias, até á consummação do secular*[4]*.*

Pedro e os Apóstolos, eis os pastores; todas as nações batizadas, eis o redil. A assistência divina todos os dias, todas as horas, todos os minutos da duração dos séculos, eis a infalibilidade; a onipotência de Jesus Cristo no céu e na terra, eis a eterna proteção contra as portas do inferno. É pelo órgão da Igreja que o novo Adão ensinará doravante sua doutrina, a desenvolverá, a propagará por todo o universo. É por ela que todos os homens renascerão nele, e ninguém poderá ter Deus por pai se não tiver a Igreja por mãe.

Mal assistimos à sublime ordenação de São Pedro, um novo espetáculo se mostra a nossos olhares: o Salvador sobe ao céu. Modelo do homem na vida do tempo, continua a sê-lo na eternidade. Primogênito dentre os mortos, chefe do gênero humano, toma, em nome de todos os homens, seus irmãos, solene posse do céu; do céu, sua nobre conquista e a eterna pátria do homem; do céu, ditosa morada de todos os que tiverem aproveitado de sua redenção.

Ali o contemplamos diante do trono de seu Pai, em suas divinas qualidades de Advogado e de Pontífice, intercedendo sempre por nós, velando sempre sobre nossas necessidades, opondo sempre à justiça vingadora o mérito infinito de seus trabalhos e de suas chagas; com uma mão segurando o leme da Igreja e dirigindo-a através dos escolhos para as praias celestes, com a outra pondo as coroas imortais na cabeça de seus filhos, chegados ao termo de sua carreira.

De volta à terra, entramos no Cenáculo com os Apóstolos, para esperar o Espírito divino que deve animar a Igreja.

Notas

[1] Jo 21, 14.

[2] Ibid., 15-16.

[3] Quis es ? sacerdos magnus, summus pontifex. Tu princeps episcoporum ; tu hæres apostolorum ; tu primatu Abel ; gubernatu Noe ; patriarchatu Abraham ; ordine Melchisedech ; dignitate Aaron ; auctoritate Moïses ; judicatu Samuel ; potestate Petrus ; unctione Christus. — De Consid., liv. II, c.

8.

[4] Mt 28, 18-19.

Revision #1
Created 28 November 2026 17:11:25 by Admin
Updated 28 November 2026 17:11:25 by Admin